



José Garrancho



José Garrancho

# Camélias, a flor da paixão

José Garrancho | jose.garrancho@barlvento.pt

Nascido e criado em Monchique, há 71 anos, António Silva passou a maior parte da sua vida entre a serra e Portimão, sendo um acérrimo defensor das tradições locais. Em termos profissionais, dedicou-se a gerir um estabelecimento da família. Durante os 30 anos em que esteve à frente de uma unidade hoteleira, apercebeu-se dos inúmeros estrangeiros que ali se hospedavam para estudar a riquíssima e variada flora, não apenas de Monchique, mas também de Aljezur e Vila do Bispo.

As camélias são a sua grande paixão, partilhada na íntegra pela esposa, Emérita. Ambos falam destas flores com uma reverência e um amor contagiantes. Conhecem todas as pequenas diferenças entre espécies, que um leigo dificilmente notaria.

«As camélias existiram, desde sempre, nas casas senhoriais. Ainda lá encontramos algumas, centenárias. Tal como os castanheiros, não

gostam de calcário. Até a água tem de ser ácida. Por isso, no baixo Algarve, salvo raras exceções, não duram mais de três ou quatro anos», diz António Silva, que tem apenas 72 das 30 mil variedades mundiais.

No ano passado, numa exposição em Sintra, apresentou duas variedades ainda não classificadas. «As novas espécies são fruto da polinização», explica, acrescentando que ainda não decidiu qual o nome que lhes irá dar. As camélias apresentam grande beleza e uma diversidade, em formas e cores, que não deixam margem para a monotonia. Mesmo sem as flores, a caméleira brilha, graças à sua ramagem.

Devido à persistência de António Silva e ao dinamismo do presidente da Câmara Municipal de Monchique Rui André, a «Rota das Camélias», já está implantada. Este ano, será complementada com uma exposição em sala, no

fim de semana de 18 e 19 de fevereiro.

A Câmara Municipal de Monchique coloca autocarros à disposição de quem desejar fazer a rota, observando as camélias nos seus vários habitats concelhios, incluindo o jardim de António Silva, que será um dos guias do percurso. Os participantes poderão partilhar de todo o seu conhecimento. «Por vezes, as pessoas não reparam nos pormenores que algumas flores apresentam. Se lhes forem explicados, apreciam de maneira diferente», sublinha.

«Mas, este ano, as flores estão atrasadas cerca de 20 dias, devido à falta de chuva, pois requerem água. E são muito mais bonitas quando chove, do que em tempo seco. Das 72 variedades, só cerca de um terço estará em condições de exposição», admite, sem esconder uma ponta de tristeza por não poder oferecer aos visitantes tudo aquilo que gostaria. «O pico das camélias será na primeira quinzena de março. A autarquia, contudo,

já tinha outros eventos agendados para esse período e não foi possível adiar e marcar outra data». Mas o «barlvento» fez o reconhecimento do terreno, e é seguro afirmar que há muitas e belas camélias à espera de serem vistas, apreciadas e fotografadas, incluindo as duas espécies naturais de Monchique e ainda a aguardar registo oficial.

Quem não se sentir com forças ou disposição para fazer o passeio, poderá apreciar a exposição das camélias em sala, uma novidade este ano. A ideia é tornar mais fácil a comparação entre as variedades, e observar as diferenças que passam pela forma, cor, formato das folhas. «As pessoas têm mesmo de vir cá ver com os olhos», aconselha António Silva.

As camélias têm um ciclo de vida curto e abundam no inverno. Mas como existem inúmeras variedades, é possível observá-las durante quase todo o ano. Quem o diz é António Silva que, no seu jardim, tem duas espécies que desabrocham no final de agosto e as últimas flores desaparecem em junho.

Na senda da defesa das tradições de Monchique, este aficionado também convenceu a autarquia a promover as «chaminés de saia» numa rota temática, inaugurada no Dia Internacional dos Monu-

mentos e Sítios, a 21 de abril de 2013. O percurso segue a malha urbana da vila, e passa por locais onde é visível este património único em Portugal, bem como outros pontos de interesse.

«É pena que não tenham sido recuperadas na sua forma original. Antigamente cada motivo era pintado de cor diferente, criando uma policromia muito engraçada», refere. «A saia era construída de modo a que o vento forte da serra não empurrasse o fumo de novo para dentro das cozinhas. É uma proteção lateral a toda a volta, que obriga o fumo a sair na vertical», mesmo nas noites e dias mais agrestes.

António Silva tem ainda outra ideia que gostaria de

ver realizada. E para isso, lança um desafio ao autarca: «porque não um concurso de pintura das chaminés de saia, destinado a jovens artistas e pintores de graffiti locais ou algarvios, para as tornar um chamariz turístico, durante todo o ano?»

O encanto das flores não se esgota nas camélias. «Temos as *adelfeiras*, que possuem uma flor muito bonita e se encontram na Picota e, principalmente, na Foia. Já me disseram que, em tal quantidade, só se há nos Himalaias. E temos ainda a *rosa albardeira*, que floresce no final de abril, e na primeira quinzena de maio». Quem sabe, novas rotas a promover, em Monchique?



José Garrancho

## Lagos mostra «Um Mar de Experiências»

A autarquia de Lagos vai, pelo sexto ano consecutivo, organizar uma ação de dinamização e promoção turística, cuja edição de 2017 é dedicado ao tema «Lagos e o Algarve – Um Mar de Experiências». A iniciativa está marcada para quinta-feira, 16 de fevereiro e contará com oradores representando algumas das experiências que o município ou visitante pode desfrutar nes-

te concelho. Os destinatários preferenciais são profissionais como guias-intérpretes, operadores turísticos, gestores de unidades hoteleiras, empresas de animação turística entre outras com atuação na área do município. A ação contará, na sessão de abertura, com a presidente da Câmara Municipal de Lagos, Maria Joaquina Matos, o presidente da Região de Turismo do Algarve,

Desidério Silva e a responsável pela Direção Regional de Cultura do Algarve, Alexandra Gonçalves. A sessão tem início às 9h30, no Auditório dos Paços do Concelho Séc. XXI. As inscrições são gratuitas, mas limitadas e devem ser feitas junto do Serviço de Comunicação (Helena Castaldo) indicando os dados pessoais, através dos contactos 282 771 723 ou helena.castaldo@cm-lagos.pt

## PARU já regenera a baixa de Faro

Está a decorrer «a bom ritmo» a primeira operação do Plano de Ação de Regeneração Urbana de Faro (PARU), isto é, a regeneração e qualificação da baixa comercial da cidade. Segundo a autarquia farensense, o montante total de investimento é de 60875,39 euros, para uma operação que contemplou três intervenções: o calcetamento da Travessa Ivens, no montante de 8887,57 euros,

a reabilitação da Travessa das Flores (15106,27 euros) e a segunda fase da colocação de telas de sombra nas ruas pedonais do centro histórico, no valor de 36881,55 euros. Estas obras resultam da candidatura apresentada pela Câmara Municipal de Faro, que foi aprovada em 21 de dezembro último, estando o investimento já executado. O PARU foi aprovado pela Comissão Di-

retiva do PO CRESC Algarve 2020 em 21 de outubro de 2016, com um montante total de investimento público de 2064816 euros, com um financiamento FEDER de 712180 euros. No cômputo total «estima-se que, até 2020, sejam investidos perto de 30 milhões de euros, na cidade, em projetos de regeneração urbana, que a tornarão mais eficiente e competitiva. Com o PARU aprovado, ficam asseguradas as ambiciosas expectativas de um futuro ainda mais risonho para o concelho», prevê a autarquia farensense em nota de imprensa.